

7 da *Malagueta Extraordinária*, que mereceram revides impressos os mais variados, destacando-se os de José da Silva Lisboa. May viria a fazer parte da primeira legislatura do Império, exercendo o mandato de 1826 a 1829. Não era homem da têmpera ou dos princípios de Frei Caneca e Cipriano Barata, porém. A imprensa que o absolutismo estimava era outra: a de José da Silva Lisboa.

Esse áulico empedernido continuaria a desovar impressos. É discutível incluí-los na categoria de imprensa, mas são característicos e por isso devem ser mencionados. Mal se findara o seu sexto periódico, a *Causa do Brasil*, a 20 de março de 1823, engendrou o *Atalaia*, de que apareceram 14 números pelo menos. Retornaria em 1825, com o periódico *Triunfo da Legitimidade contra Facção de Anarquistas*, assinados pelo adequadíssimo pseudônimo de “Imperialista Firme”, circulando entre 9 de dezembro de 1825 e 28 de janeiro de 1826. Era dedicado especialmente ao problema da Cisplatina, mas não deixava de conter uma que outra referência a questões internas. Assim, no quinto número, congratula-se com a represão à Confederação do Equador⁽⁵⁷⁾. Silva Lisboa e suas publicações, de distante parentesco com a imprensa, mostra o grau de decadência a que ela chegara em 1825: era o mais fundo o abatimento a que o absolutismo conduziu o país. Em 1825, por outro lado, encerravam-se, com os acordos presididos pelo representante inglês Stuart, as negociações para o reconhecimento da Independência, cujos termos revoltaram os espíritos. Ia começar, desse fundo de poço, a arrancada liberal, em que a imprensa desempenharia papel relevante.

(57) Não pertencem à imprensa, sem a mínima dúvida, os panfletos de Silva Lisboa, de combate aos interesses brasileiros, publicados em 1824: o *Rebate Brasileiro contra o Tifis Pernambucano*, de 30 de abril; o *Apelo à Honra Brasileira contra a Facção dos Federalistas Pernambucanos*, em seis partes, publicadas entre 29 de julho e 11 de agosto; a *História curiosa do mau fim de Carvalho & Cia. à bordada de pau-brasil*, de 12 de agosto; e a *Pesca de tubarões do Recife, em três revoluções dos anarquistas de Pernambuco*, de 3 de setembro, assinado com o pseudônimo de “Matuto”, que era o apelido dos partidários de Pais Barreto naquela província. São panfletos contra a Confederação do Equador, contendo as calúnias veiculadas, na época, contra os seus chefes, a de que Domingos José Martins falira, em Londres, por exemplo, insultos os mais soezes e prova de servilismo ao trono. Coisas em que Silva Lisboa foi pródigo, aliás, então e sempre. Sua linguagem era a de um periódico da Corte, *A Estrela Brasileira*, que não o excedia na sabujice. Os confederados pernambucanos, para Silva Lisboa, não passavam de “incorrigíveis jacobinos”; as suas idéias, “espantinho democrático”; Soares Lisboa era chamado “João Burro”; Manuel de Carvalho era “Murzelo Carvalho”; todos “liberais só do alheio”. O problema do reconhecimento de Independência deu aso a que Silva Lisboa publicasse, entre 1824 e 1826, seis panfletos. Não são melhores do que os citados.